

Sexta-Feira, 26 Outubro 2012

ípsilon

[Home](#) [Música](#) [Teatro/Dança](#) [Cinema](#) [Livros](#) [Artes](#) [Flash](#) [Vídeos](#) [Oscars](#)

Cinema

[Notícias](#) [Artigos](#) [Entrevistas](#) [Críticas](#) [Cinecartaz](#)


Ver Macau (e o resto é paisagem)

18.10.2012 - Jorge Mourinha



0 0

É o segundo ano consecutivo que um filme português - A Última Vez Que Vi Macau - merece honras de ascender a concurso DR

Leia também

Cinema
Michael Cimino não acha graça a "ser famoso pelas piores razões"

Cinema
Uma piada sobre Proust pode ser proustiana

Cinema
Daniel Day-Lewis e Abraham Lincoln: descubra as diferenças

Cinema
Os Rapazes da Geral e Manoel de Oliveira na rentrée da Cinemateca Francesa

Cinema
"Tínhamos obrigação de ser felizes. Porque é que não somos?"

Cinema
Uma questão muito pessoal

Uma competição nacional sisuda e pouco variada - e uma abertura com um filme que deixa os outros a milhas. O DocLisboa começa hoje e vai até dia 28.

A abertura oficial do DocLisboa, hoje (Culturgest, 21h30), faz-se com um filme português: A Última Vez que Vi Macau, de João Pedro Rodrigues e João Rui Guerra da Mata, igualmente a concurso na competição internacional do certame. Faz sentido que assim seja: porque este híbrido desequilibrado mas estimulante, que começou documentário à volta das memórias de Macau e terminou ficção cripto-policial fajuta, reflecte os riscos criativos e formais que o Doc tem corrido ao longo dos seus dez anos de existência, abrindo espaço para outros modos de pensar e criar o cinema documental.

É o segundo ano consecutivo que um filme português merece honras de ascender ao concurso principal (no ano passado, houve É na Terra, Não É na Lua, de Gonçalo Tocha) e ainda bem que assim é. É sintoma que temos cinema à altura do que vem lá de fora - e também admiração que a dupla Rodrigues/Guerra da Mata está numa categoria à parte do resto do concurso nacional. Embora partilhe com a maioria dos filmes o interesse pela memória enquanto tempo central (e Portugal sempre se deu mal com a sua memória), fá-lo recusando a visão formatada (do documentário e dos temas) que se sente na maioria das entradas competitivas portuguesas. Está fora da sisudez de uma selecção morna e pouco variada, que parece contentar-se com mergulhar na "pequena história" dos indivíduos e das regiões, com falar das memórias e das vivências de um Portugal rural que ainda resiste ou que talvez já não exista.

Veja-se: O Pão que o Diabo Amassou vê o luso-descendente José Vieira regressar à aldeia de onde a sua família é originária para compreender um passado saturado de pobreza e miséria, num filme árido mas de inegável valor documental. SobreViver, de Cláudia Alves, mais fluido e mais interessante, explora o quotidiano em aldeias distantes habitadas quase só por uma população envelhecida, numa abordagem menos investida em termos pessoais.

Bastantes filmes optam por uma narração observacional, sem comentário nem identificação. Mas nem sempre o olhar dos cineastas tem a delicadeza ou a força que permitam sustentar essa abordagem: O Homem do Trator, de Gonçalo Branco, ou Bela Vista, de Filipa Reis e João Miller Guerra, são exercícios anónimos sem personalidade; Sílvia Firmino, que filma em Amanhecer a Andar o quotidiano dos moçambicanos que moram num Grande Hotel da Beira reconvertido em habitações improvisadas, desperdiça um extraordinário trabalho de campo num objecto que não consegue gerir nem o ritmo nem o tempo.

É quando se escapa ao mero programa do registo ou da memória que os filmes fazem mais sentido. Cativoiro, por exemplo, é um objecto ensimesmado onde André Gil Mata tenta capturar, na corda bamba entre o pudor e a exposição, a essência da sua relação com a avó moribunda. Nos seus antípodas, O Sabor do Leite Creme, de Hiroatsu Suzuki e Rossana Torres, a melhor das longas nacionais vistas, acompanha o quotidiano de duas irmãs idosas de modo solar e contemplativo, com uma leveza e uma poesia que faltam a muita da restante competição. (Não foi possível ver a tempo deste texto O Regresso, de Júlio Alves, Deportado, de Nathalie Mansoux, e Terra de Ninguém, de Salomé Lamas, ainda em processo de finalização; deles falaremos mais tarde.)

Sobra o melhor filme a concurso entre os que vimos, Um Rio Chamado Ave, de Luís Alves de Matos. Que não é uma novidade, pois foi uma das encomendas dos 20 anos de Vila do Conde. Mas este curto ensaio audiovisual em levitação suspensa sobre o rio Ave, ilustrado pela guitarra iluminada de Jorge Coelho, olha para lá da superfície e recusa a formatação; procura pistas e sinais de uma portugalidade que ainda existe mas sem nunca a conformar a uma ideia predeterminada do que ela deve ser. Um Rio Chamado Ave tem noção do país que já não é, e não vira as costas ao que ainda existe.